

# Crise atingirá os bancos

ANA JULIÃO  
Da Sucursal

Rio — O comércio foi o primeiro setor a sofrer o impacto do Plano Collor. Depois foi a vez das indústrias. Este ano, na esteira da recessão econômica, o setor bancário deve ser o mais afetado. A análise é do diretor da Divisão de Auditoria e Consultoria Financeira da Arthur Andersen, Sebastião Nogueira, que credita a concretização de sua perspectiva ao encurtamento do mercado interno e aos reflexos da fragilidade financeira mundial.

“Não sei até que ponto o Governo poderá manter a política monetária. Se houver mais arrocho, pode acontecer uma quebra de generalizada”, alerta Nogueira, também administrador de empresas e contador. Para ele, as consequências só não foram observadas no ano passado, principalmente no setor bancário, porque o Banco Central não teve pulso tão firme quanto pretendia, embora destaque não ser possível provar a afirmativa.

Na verdade, a rentabilidade média sobre o patrimônio líquido dos bancos, no último ano, deve ser 50 por cento inferior à de 1989. “Não chega a ser um resultado ruim, levando em conta a redução de liquidez, além de todos os outros impactos”, enfatizou. O diretor da Arthur Andersen lembra, contudo, que os dois primeiros meses do ano foram, em grande parte, os responsáveis pelos lucros finais.

Apesar de, no último semestre do ano passado, a economia já apresentar efeitos da recessão, os resultados do período, para os bancos, foram melhores do que

no primeiro. No entender de Nogueira, logo após o Plano Collor, além da necessidade de adaptar-se às mudanças, o setor precisou diminuir o ritmo, para reavaliar estratégias. A análise dos balanços já publicados levou Nogueira a constatar “que os resultados provenientes da atividade financeira preponderam em relação à economia.

Baseado nos dados, Nogueira explica que os bancos se têm afastado da atividade primordial — subsidiar a produção e investir no crescimento da economia — para se dedicarem à intermediação financeira, “transformando-se em agentes do Governo”. A política de juros altos contribuiu para que certos produtos se tornassem mais atrativos do que a produção, além de comprometer o retorno dos ativos às instituições financeiras.

Nogueira acredita que os juros altos sejam realimentadores da inflação, pois a dificuldade de manter o capital de giro é repassada aos preços, num círculo vicioso. Com a persistência dessa política, os bancos, temerosos com o nível de inadimplência, tendem a ser cada vez mais seletivos no processo de crédito, o que aumentará a concorrência no setor, com a disputa, palmo a palmo, dos clientes de mais qualidade.

A diminuição da diferença entre os custos do dinheiro captado e repassado (**spread**) “pode ser uma das causas da queda da rentabilidade este ano”, explica Nogueira. Outro motivo que leva o diretor da Arthur Andersen a prever um ano difícil para o setor financeiro é o alargamento da falta de liquidez.